Sonetos Amorosos

CXLI

Sustenta meu viver uma esperança
Derivada de um bem tão desejado,
Que, quando nela estou mais confiado,
Mor dúvida me põe qualquer mudança.

E quando inda este bem na mor pujança
De seus gostos me tem mais enlevado,
Me atormenta então ver eu que, alcançado
Será por quem de vós não tem lembrança.

Assim que nestas redes enlaçado,
A penas dou a vida, sustentando
Uma nova matéria a meu cuidado.

Suspiros d'alma tristes arrancando,
Dos silvos de uma pedra acompanhado,
Estou matérias tristes lamentando.

Sonetos Amorosos

CXLII

Já não sinto, Senhora, os desenganos,
Com que minha afeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão que me negastes,
Merecido por fé, há tantos anos.

A mágoa choro só, só choro os danos
De ver por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vosso ingratidão, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança,
Que o ofendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;

Mas eu de vossos males e esquivança,
— De que agora me vejo bem vingado —,
Não a quisera eu tanto à vossa custa.

Sonetos Amorosos

CXLIII

Que pode já fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
De coisa que o não tem, nem é segura?

Que pena pode ser tão certa e dura,
Que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Ou males, se com eles mais se apura?

Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão ciente,
Da qual o uso já o tem seguro;

Assim de acostumado co veneno,
O uso de sofrer meu mal presente
Me faz não sentir já nada o futuro.

Sonetos Amorosos

CXLIV

A formosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;

Enfim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos oferece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enjoa e me aborrece;
Sem ti, perpetuamente estou passando,
Nas mores alegrias, mor tristeza.

Sonetos Amorosos

CXLV

Vós que escutais em rimas derramado
Dos suspiros o som que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que sou mudado;

Sabei que busca só do já cantado
No tempo em que ou temia ou esperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão, o meu cuidado.

Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendeu ser fábula da gente,
(Do que comigo mesmo me envergonho).

Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quando ao mundo apraz é breve sonho.

Sonetos Amorosos

CXLVI

De Amor escrevo, de Amor trato e vivo
De amor me nasce amar sem ser amado,
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor cativo;

De amor, que a lugar alto voe altivo,
E funde a glória sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No imenso resplendor de um raio esquivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança,
Mais constante ela, e ele mais constante,
De seu triunfo cada qual só trata.

Nada enfim me aproveita; que a esperança,
Se anima alguma vez a um triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

Sonetos Amorosos

CXLVII

Moradoras gentis e delicadas
Do claro e áureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso sossegadas;

Agora estais de amores inflamadas,
Nos cristalinos paços entretidas;
Agora no exercício embevecidas
Das telas de ouro puro matizadas.

Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos belos, consentindo
Que lágrimas derramem de tristura.

E assim, com dor mais própria, ireis ouvindo
As queixas que derramo da Ventura,
Que com penas de Amor me vai seguindo.

Sonetos Amorosos

CXLVIII

Brandas águas do Tejo que, passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, ervas, e flores e animais,
Pastores, ninfas ides alegrando;

Não sei (ah, doces águas!), não sei quando
Vos tornarei a ver; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiando.

Ordenou o Destino, desejoso
De converter meus gostos em pesares,
Partida que me vai custando tanto.

Saudoso de vós, dele queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras águas com meu pranto.

Sonetos Amorosos

CXLIX

Novos casos de Amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas,
Do bem promessas falsas e escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos;

Como não tomais já por desenganos
Tantos ais, tantas lágrimas perdidas,
Pois em a vida não basta nem mil vidas
A tantos dias tristes, tantos anos?

Um novo coração mister havia
Com outros olhos menos agravados
Para tornar a crer o que eu não cria.

Andais comigo, enganos, enganados;
E se o quiserdes ver, cuidai um dia
O que se diz dos bem acutilados.

Sonetos Amorosos

CL

Já do Mondego as águas aparecem
A meus olhos, não meus, antes alheios,
Que, de outras diferentes vindo cheios,
Na sua branda vista ainda mais crescem.

Parece que também forçadas descem,
Segundo se detêm em seus rodeios.
Tristes por quantos modos, quantos meios
As minhas saudades me entristecem.

Vida, de tantos males salteada,
Amor a põe em termos que duvida
De conseguir o fim desta jornada;

Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

Sonetos Amorosos

CLI

**Um firme coração posto em ventura,
Um desejar honesto que se enjeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura;**

**Um ver-vos de piedade e de brandura
Sempre inimiga faz-me que suspeite
Se alguma hircana fera vos deu leite,
Ou se nascestes de uma pedra dura.**

**Ando buscando causa que desculpe
Crueza tão estranha; porém quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata;**

**Donde vem que não há quem não nos culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto;
A mim, por querer tanto a quem me mata.**

Sonetos Amorosos

CLII

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada já com meu tormento;
Água, que com mil lágrimas sustento;
Fogo, que mais acendo no meu seio;

Em paz estais em mim; e assim o creio,
Sem esse ser o vosso próprio intento,
Pois, em dor onde falta o sofrimento,
A vida se sustem por vosso meio.

Ai imiga Fortuna! Ai vingativo
Amor! A que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!

Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrários tenho
Fogo, Fortuna, Amor, ar, terra e água?

Sonetos Amorosos

CLIII

Já claro vejo bem, já bem conheço,
Quanto aumentando vou meu tormento;
Pois sei que fundo em água, escrevo em vento
E que o cordeiro manso ao lobo peço;

Que Arachne sou, pois já com Pallas teço
Que a tigres em meus males lamento;
Que reduzir o mar a um vaso intento,
Aspirando a esse céu que não mereço.

Quero achar paz em um confuso inferno;
Na noite, do sol puro claridade;
E o suave verão no duro inverno.

Busco em luzente Olimpo escuridade
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

Sonetos Amorosos

CLIV

De cá, donde somente o imaginar-vos
A rigorosa ausência me consente,
Sobre as asas de Amor, ousadamente
O mal sofrido espírito vai buscar-vos.

E, se não receara de abrazar-vos
Nas chamas que por vossa causa sente,
Lá ficará convosco e, vós presente,
Aprendera de vós a contentar-me.

Mas pois que estar ausente lhe é forçado,
Por senhora de cá vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado;

E pois vedes a fé que vos oferece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-eis inda mais do que merece.

Sonetos Amorosos

CLV

Não há louvor que arribe à menor parte
De quanto em vós se vê, bela Senhora.
Vós sois vosso louvor; quem vos adora
Reduz somente a este o engenho e arte.

Quanto por muitas damas se reparte
De belo e de formoso, em vós agora
Se junta em modo tal que pouco fora
Dizer que sois o todo, elas a parte.

Culpa logo não é, se vou louvar-vos,
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quis o Céu avantajar-vos.

Seja a culpa de vossos resplendores;
E a que eles têm vos dou, só para dar-vos.
O mor louvor de todos os maiores.

Sonetos Amorosos

CLVI

Não vás ao monte, Nise, com teu gado,
Que lá vi que Cupido te buscava;
Por ti somente a todos perguntava,
No gesto menos plácido que irado.

Ele publica, enfim, que lhe hás roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com um dardo ardente assegurava
Trespassar esse peito delicado.

Foge de ver-te lá nesta aventura,
Porque, se contra ti o tens iroso,
Pode ser que te alcance com mão dura.

Mas ai! que em vão te advirto temeroso,
Se à tua incomparável formosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

Sonetos Amorosos

CLVII

A violeta mais bela amanhece
No vale, por esmalte de verdura,
Com seu pálido lustre e formosura,
Por mais bela, Violante, te obedece.

Porguntas-me porquê? Porque aparece
Seu nome em ti e sua cor mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais floresce.

Oh! luminosa flor, oh! Sol mais claro,
Único roubador de meu sentido,
Não permitas que Amor me seja avaro!

Oh! penetrante seta de Cupido,
Que queres? Que te peça, por reparo,
Ser, neste vale, Eneias desta Dido?

Sonetos Amorosos

CLVIII

Tornai essa brancura à alva açucena,
E essa purpúrea cor às puras rosas;
Tornai ao sol as chamas luminosas
Dessa vista que a roubos vos condena.

Tornai à suavíssima sirena
Dessa voz as cadências deleitosas;
Tornai a graça às Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena.

Tornai à bela Vénus a beleza;
A Minerva o saber, o engenho e a arte;
E a pureza à castíssima Diana.

Despojai-vos de toda essa grandeza
De dons; e ficareis em toda a arte
Convosco só, que é só ser inumana.

Sonetos Amorosos

CLIX

De mil suspeitas vãs se me levantam
Trabalhos e desgostos verdadeiros.
Ai, que estes bens de Amor são feiticeiros,
Que com um não sei quê toda alma encantam!

Com sereias docemente cantam
Para enganar os tristes marinheiros,
Os meus assim me atraem lisongeiros,
E depois, com horrores mil, me espantam.

Quando cuido que tomo porto ou terra,
Tal vento se levanta em um instante,
Que súbito da vida desconfio.

Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Quem conhecendo os riscos de um amante,
Fiado a ondas de Amor, delas me fio.

Sonetos Amorosos

CLX

Mil vezes determino não vos ver
Por ver se abranda mais o meu penar;
E, se cuido de assim me magoar,
Cuidai o que será, se houver de ser.

Pouco me importa já muito sofrer,
Depois que amor me pôs em tal lugar,
E o que ainda me dói mais é só cuidar
Que mal sem esta dor posso viver.

Assim não busco eu cura contra a dor
Porque, buscando alguma, entendo bem
Que nesse mesmo ponto me perdi.

Quereis que viva, enfim, neste rigor?
Somente o querer vosso me convém.
Assim quereis que seja? Seja assi.